

## ***Outdoor Profético***

Resumo - A releitura exegética do profeta Habacuque se dá a partir da perícopre 2,1-12, da qual exsurge a questão da usura como prática do cotidiano judaíta no século VII. Trata-se de apontamento inédito uma vez que a pesquisa não tem apontado esta direção como interpretação deste profeta menor. O contexto usurário que se identifica na perícopre permite que se faça identificação de quem seja o ímpio ao qual se refere o profeta, não como entidade externa ligada ao império neobabilônico e sim, como parte dos conflitos sociais que também haviam estado presentes na pregação profética dos profetas predecessores. Esta compreensão nova do *stiz im Leben* de Habacuque recoloca as perguntas sobre a vocação profética da Igreja e a necessidade de haver rearticulação da pregação do Evangelho no cotidiano do mundo que se acostou a viver usurariamente.

Abstract – The prophet Habacuc seen from the chapter 2,1-12, reveals that his message is about usury. This point is new and stands upon the light on the fact that usury was a regular practice in the Old Testament times in the VII Century BC. Otherwise, this approach is new because the researchers normally considerer the preaching of Habacuc was directed to external enemies. The usury as topic of matter allows the identification of who were the impious which is mentioned by the prophet. And, this impious isn't someone from outside, like the Chaldeans, but has to be encountered inside the social conflicts and life in Judah. So, the prophet Habacuc is connected with other prophets from the VIII Century as Amos and his *stiz im Leben* puts in a new way the questions about the prophetic calling of the Church and the prior necessity to rearticulate the gospel preaching in the modern world that are used to live under the power of usury.

Keywords – *Prophet Habacuc, usury, exegesis, practical theology*

A meus professores de Antigo Testamento

Hilmar Fürstenau  
Cláudio Molz  
Milton Schwantes, *in memoriam*  
Erich Friedrich Dobberahn  
Carlos Dreher

Diletos professores dos quais, dentre  
tantas significativas lições,  
também me ensinaram a relevantes perguntas fazer

### **1 – Pré compreensão e os fantasmas do passado**

Durante os primeiros tempos do estudo da teologia em Curitiba, tive a oportunidade de envolver-me com um dos profetas menores, Habacuque, com maior vagar. As aulas foram ministradas pelo dileto professor John Klaasen (ele preferia ser chamado de João) que adotou,

como livro de consulta básica o autodidático de Kaller.<sup>1</sup> Uma das exigências da disciplina era que o aluno deveria preencher todo o livro e apresentar uma ficha de leitura com informações sobre a data e o tempo transcorrido para preencher os exercícios. Sábia exigência do professor porque, quem sabe, naquele momento eu poderia estar enfronhado em outras coisas e a leitura do livro autodidático poderia ser suprida pelas aulas. Com a leitura do livro, as aulas foram mais produtivas e me animaram a entender este profeta.

De qualquer modo, como era aluno de hebraico do professor Fürstenau, encontrei um bom afazer paralelo. Pus-me a traduzir o texto hebraico para o português. Ao final do crédito referente a este profeta menor, fui ter com o professor João e contei-lhe que tinha terminado a empreita de traduzir os capítulos do pequeno livro. Disse-me ele que a tarefa, apesar de interessante como forma de aprimorar os conhecimentos do hebraico, não contemplava muito significado uma vez que já haviam muitas traduções de excelente qualidade também em língua portuguesa. Ou seja, teria sido um trabalho que consumira precioso tempo que poderia ser dedicado a outras atividades teológicas mais produtivas.

Pois é! Independente desta situação que vem do passado, a tarefa de refletir uma temática específica para minha tese de Doutorado fez-me voltar ao texto de Habacuque. E, para minha surpresa, a tradução que eu havia feito há mais de 30 anos não tinha detectado questões que hoje se me parecem claras e límpidas. O chão das perguntas se alterou. E, fazer as perguntas de um jeito novo, modifica as respostas. O tal do *justo que vai viver pela fé* (Habacuque 2,4), que me parecia pela tradução dos idos da década de 1990 bem compreensível como alguém que aguarda o socorro divino, deixou de ter este significado porque a palavra fé no contexto de Habacuque já não mais posso traduzir do modo como antes fazia.

As razões da mudança de compreensão se deram a partir de *insights* definidos. Perguntas que me levaram a modificar completamente o que até então havia sido o jeito normal, convencional e tradicional de ler o profeta Habacuque. Meu consolo maior foi descobrir não ter estado sozinho neste jeito *quadrado* de ler o profeta. Grandes eruditos tampouco se aperceberam que o profeta Habacuque poderia estar falando bem outra coisa do que se imaginava. Assim, como dito, houve diversos *insights* para a leitura. O primeiro teve a ver com a tradução do verbo נשך que aparece em Habacuque 2,7. A tentativa de compreender

---

<sup>1</sup> KALLER, **Habacuque – Um Estudo Indutivo**, Patrocínio: Ceibel.

melhor o que este verbo significa jogou luz sobre o texto que, apesar de traduzido, ainda estava oculto.

Isto posto, convido a que o leitor paciente me acompanhe e veja se pude bem compreender o que jaz no outdoor escrito pelo profeta Habacuque.

Vamos adiante!

## 2 – Dificuldades, para início de conversa...

Habacuque é um dos profetas menores que traz dificuldades aos intérpretes. E dificuldades de grande vulto. A começar pela datação do livro. Caso sejam os Caldeus de 1,6 identificados com os Babilônios, o livro teria de ser datado nos inícios do Século VII.<sup>2</sup> Seria um profeta posterior à fase do profetismo clássico do século VIII. Todavia, não é surpresa que este pequeno livreto foi vasculhado detalhadamente pela pesquisa histórico-crítica do Antigo Testamento. Não poucos trataram de dismantelar o livro a ponto de poder ser indagado o que de fato pode ser atribuído a Habacuque. Muito provavelmente, o terceiro capítulo não deveria ser contado como texto do profeta. É um salmo litúrgico, muito diferente dos textos precedentes. Então, a unidade do texto também fica comprometida.<sup>3</sup> Tudo isto faz parte das dificuldades.

Até mesmo decidir-se contra quem está o profeta a pregar parece ser difícil de se determinar. O *ímpio* contra o qual dirige a palavra profética encontrou diversas sugestões, desde os próprios Caldeus (Babilônia), até o rei Joaquim, aquele que estaria no poder na época suposta de datação. Quem seja o *ímpio* e a época de referência da profecia são problemas realmente complexos<sup>4</sup> a ponto de se poder dizer que se trata de um grande e respeitável *chute* chutado pelos eruditos que se envolveram com este problema.

---

<sup>2</sup> SELLIN & FOHRER, *Introdução ao Antigo Testamento*, vol. 2, 1977, p. 687 sugerem a época posterior a 622. HOMBURG, *Introdução ao Antigo Testamento*, já coloca a época “antes de 621” (p. 177) e BENTZEN, *Introdução ao Antigo Testamento*, vol. 2, 1968 [1959<sup>3</sup>] coloca o intervalo “antes da queda de Nínive em 612, talvez antes de 616, quando os assaltos dos babilônios e dos medos contra a Assíria se tornaram sérios.” (p. 171). Ou seja, não há muita variação na data porque em certa medida, todos ligam os Caldeus de 1,6 aos Babilônios.

<sup>3</sup> BENTZEN, *Op. Cit.*, pp. 170s, faz o apanhado sobre tal questão.

<sup>4</sup> SELLIN & FOHRER, *Op. Cit.*, pp. 686-688.

A bem da verdade, estes dois problemas centrais, o *ímpio* e a época, não têm encontrado resposta satisfatória por parte da crítica especializada.<sup>5</sup> Outras afetações de leitura também não ajudam. É o caso do comentário a Habacuque, este advindo das descobertas feitas nas grutas de Qumran e da leitura enviesada que se faz do texto de Habacuque 2,4. Para o primeiro caso, a descoberta se deu na 1ª Gruta. Assim, *IQPHb*. O ‘P’ vem de *comentário* em hebraico. Já para o segundo caso, digo leitura *enviesada* porque este texto está irremediavelmente contaminado pela leitura que se faz dele a partir do Novo Testamento.

O caso é grave. Não se tem certeza de muita coisa. O tempo e quem seja o adversário, o tal *ímpio*, poderiam até ajudar a estabelecer melhor o conteúdo da mensagem. Não é o caso, entretentes. Há que se lutar com dificuldades. Em sendo assim, é melhor começar por outro lado. E o lado em questão é partir para um texto o qual, a meu ver, forma uma perícope completa e contém elementos suficientes para que se possa compreender o que Habacuque estava dizendo.

## 2 – A boa conversa do texto

Por ora, esqueçamos as dificuldades. Nem o tempo nem o *ímpio* importam. Leiamos o texto, eis que por si mesmo faz sentido. Encontra-se a perícope em questão no capítulo 2,1-12. Vejamos o que nos traz a BHS a qual ladeio à tradução de Almeida, Revista e Atualizada, pincelada com *granu salis* aqui e acolá. Almeida é, como tantas outras traduções, boa e louvável tradução. Ao lado dela seria possível outras colocar. Então, sem menosprezo a qualquer tradução, vou arrumando o texto em português conforme vou decifrando o hebraico. Primeiro, segue o texto hebraico conforme a BHS; depois, o vernáculo.

---

<sup>5</sup> COELHO FILHO, *O Profeta Habacuque*, repete a datação proposta em torno dos Babilônios mas, destaca questões relativas à apocalíptica, situação que levaria o livro, em tese, a uma época mais tardia. Volto a este tema adiante.

- 1 על-משמרתִי אֶעֱמְדָה וְאֶתִּיצְבָה עַל-מְצוֹר וְאֶצְפָּח לְרֵאוֹת מַח-יְדָבָר-בִּי וּמָה אָשִׁיב עַל-תּוֹכְחָתִי:
- 2 וַיַּעֲנֵנִי יְהוָה וַיֹּאמֶר כְּתוֹב חֲזוֹן וּבְאֵר עַל-הַלְחוֹת לְמַעַן יְרוּיַךְ קוֹרְא בּוֹ:
- 3 כִּי עוֹד חֲזוֹן לְמוֹעֵד וְנִפְחַ לִקְץ וְלֹא יִכְזָב אִם-יִתְמַקְּמָה חֲפֵה-לוֹ כִּי-בֹא יָבֹא לֹא יֵאָחֵר:
- 4 הִנֵּה עֹפְלָה לֹא-יִשְׁרָה בְּפִשׁוּ בּוֹ וְצִדִּיק בְּאַמוּנָתוֹ יִחְיֶה:
- 5 וַיֹּאף כִּי-חֲיִינן בּוֹגֵד גָּבֵר יְהִיר וְלֹא יִנָּה אֲשֶׁר הִרְחִיב בְּשֵׂאוֹל בְּפִשׁוֹ וְהוּא כַּמֶּנֶת וְלֹא יִשְׁבַע וַיֵּאָסֶף אֵלָיו כָּל-הַגּוֹיִם וַיִּקְבֹּץ אֵלָיו כָּל-הָעַמִּים:
- 6 הֲלוֹא-אֱלֹהִים כֻּלָּם עָלָיו מְשַׁל יִשְׂאוֹ וּמְלִיצָה חִידוֹת לוֹ וַיֹּאמֶר הוּי הַמְרַבָּה לֹא-לוֹ עַד-מָתִי וּמִכְבִּיד עָלָיו עֲבָטִיט:
- 7 הֲלוֹא פָתַע יָקוּמוּ נִשְׁכִּיף וַיִּקְצוּ מִזַּעְזְעִיף וְהָיִיתָ לְמִשְׁפּוֹת לְמוֹ:
- 8 כִּי אֲתָה שְׁלוֹת גּוֹיִם רַבִּים יִשְׁלוּךָ כָּל-יְתֵר עַמִּים מִדְּמֵי אָדָם וְחַמְס־אֲרֵץ קִרְיָה וְכָל-יֹשְׁבֵי בָּהּ: פ
- 9 הוּי בֹצֵעַ בֹּצֵעַ רָע לְבֵיתוֹ לְשׁוֹם בְּמָרוֹם קִנּוֹ לְהִנָּצֵל מִכַּף-רָע:
- 10 יַעֲצֵת בִּשְׁת לְבֵיתָהּ קִצּוֹת-עַמִּים רַבִּים וְחוּטָא בְּפִשָּׁה:
- 11 כִּי-אָבֵן מִקִּיר תִּזְעַק וְכַפִּים מַעֵץ יַעֲנֶנָּה: פ
- 12 הוּי בִּנְה עִיר בְּרָמִים וְכוֹנֵן קִרְיָה בְּעוֹלָה:

1.	Estarei de guarda	e me apresentarei de vigia	para ver o que fala para mim e o que responderei, a respeito de minha queixa.
2.	E Javé me respondeu	e disse:	Escreve a visão e grava-a sobre as tábuas para que a possa ler aquele que estiver correndo Até o fim, falará e não há de mentir. e não demorará.
3.	Porque a visão é	para o tempo determinado.	Até o fim, falará e não há de mentir.
	Se demorar, espera.	Porque virá com certeza	e não demorará.
4.		Eis que incha a alma	que não é nele reta
		Mas por sua constância	vai viver o justo
5.	E também, porquanto	peca pela riqueza, que sua alma encheu e, como a morte	é um homem soberbo e não permanecerá como o inferno não se farta
	Antes,	reuniu a si todos os povos	e amontoou todos os povos
6.	Não se levantarão	todos contra ele	em parábola e sarcasmos? Ai daquele que multiplicou o que não era seu! sobre si o endividamento?
	E até quando deveria	amontoar	sobre si o endividamento?
7.	De repente	não se levantarão, não se despertarão	os que te hão de morder, e os que te removerão do lugar e lhes servirás por rapina?
8.	Porque tu hás	desalojado muitas pessoas, Por causa do	todos os outros povos te despojarão. sangue das pessoas e roubos de terra, das cidades e de todos os que moravam nelas.
9.	Ai daquele que ajunta	para sua casa,	para por o seu ninho no alto, não escapará do poder do mal!
10.	Tomaste conselho	vergonhoso para tua casa,	assolaste muitos povos e tens pecado em tua alma
11.	Porque a pedra	clamará desde o muro	e a tábua do emadeirado lhe responderá
12.		Ai daquele que edifica	a cidade com sangue
		E daquele que funda	a vila com iniquidade
13.			Não é isto que vem de Javé dos Exércitos? Texto 1: Habacuque 2,1-12

A questão aqui emergente é saber qual é o melhor ponto de partida para a compreensão deste pequeno trecho para, por decorrência, ver se é possível encontrar uma chave de leitura para a totalidade do livro do profeta Habacuque. Inicio as reflexões a partir de um texto de Neemias 5,12. Neste caso, o hebraico utiliza as palavras נָשִׂים בָּהֶם כֶּסֶף וְדָגָן (*lhes emprestamos a juros,<sup>6</sup> dinheiro e trigo*). Do contexto de Neemias, fica claro que os empréstimos eram regulados pelos juros porque os empréstimos a juros são dados pelo verbo נָשַׁךְ que é realmente interessante. Em sentido literal נָשַׁךְ é *morder, como uma serpente* e, em sentido metafórico é *oprimir*, especialmente no sentido do empréstimo a juros como se vê de Deuteronômio 23,20.

<sup>6</sup> A palavra בָּהֶם é difícil. O radical é desusado. Mas, tem o sentido de calar, especialmente a boca. A forma derivada נָשַׁךְ בָּהֶם significa animais, gado. Em latim, é o *pecus*. GESENIUS, **Op. Cit.**, p. 105. O *pecus* latino significa tanto o gado (bois, por exemplo), quanto dinheiro de modo que o radical consta em palavras derivadas a exemplo de *pecuniário* (referente a pecúnia) e *pecuária* (referente a gado).

O verbo em questão também é interessante porque está bem caracterizado nos textos de Gênesis 49,17, Provérbios 23,32 e Números 21,6. O texto de Gênesis 49,17 fala de Dan. Dan será como uma serpente no caminho, como uma serpente que **הַנֶּשֶׁךְ עֲקָבַיִם סוּם** (morde as patas do cavalo).<sup>7</sup> Tanto Provérbios 23,32 quanto Números 21,6 falam da serpente que pica usando o verbo **נִשְׁךְ**.<sup>8</sup>

Ora, é exatamente este o verbo que consta em Habacuque 2,7.<sup>9</sup> O verbo, em sentido literal, trata da mordida de cobra e, em sentido representativo, designa a dor ou a opressão que causam os empréstimos a juros. A língua hebraica, como era comum às outras línguas do Antigo Oriente, costuma tomar o sentido literal das palavras para, a partir daí, encontrar os sentidos metafóricos ou derivados.<sup>10</sup>

Assim, pelo contexto da perícopa, é mais acertado pensar que em Habacuque 2,7 o sentido verbal não se refere a uma opressão qualquer e sim, guarda relação com a específica opressão causada pelos empréstimos usurários. De fato, e com relativa surpresa pode-se constatar que a leitura do trecho 2,1-12 vai fazer sentido quando se pensa nos empréstimos a juros. O contexto esclarece o assunto e o uso do verbo **נִשְׁךְ** se utiliza como anúncio de contraposição literal ao que ocorre em sentido metafórico. Ou seja, os oprimidos (os mordidos) pelo usurário vão levantar-se para *morder, desalojar o opressor*. O sentido do texto é um anúncio retributivo; o sofrimento uma vez imposto pela ganância do usurário encontrará retribuição. De qualquer modo, parece claro que o tema central do trecho diz respeito ao empréstimo a juros.

Apesar de que se saiba das grandes dificuldades textuais do profeta Habacuque,<sup>11</sup> para o caso de Habacuque 2,5, a palavra **הַיַּיִן** (vinho), como informa a BHS, foi interpretada pelo comentário de Qumran como **הוֹן** (riqueza).<sup>12</sup> O vinho de fato não cabe muito bem no que diz

<sup>7</sup> GESENIUS, **Op. Cit.**, p. 570; HOLLADAY, **Op. Cit.**, p. 248.

<sup>8</sup> HOLLADAY, **Op.**, p. 248 divide em dois os sentidos da palavra. De um lado se refere à mordedura da serpente (*snake bite*) e de outro, aos empréstimos a juros.

<sup>9</sup> Para GESENIUS, **Op. Cit.**, p. 570, o sentido do verbo em Habacuque seria metafórico. Todavia, o efetivo sentido há de ser dado pelo contexto.

<sup>10</sup> SOUZA, **Palavra, Parábola**, 311 pp., com apresentação de grande quantidade de exemplos.

<sup>11</sup> O texto massorético de Habacuque realmente não é de boa qualidade. Está em mau estado de conservação. Mesmo assim, o *peser* (comentário) de Habacuque descoberto em Qumran ajuda a tarefa de compreender o profeta.

<sup>12</sup> W. L. HOLLADAY, **Op. Cit.**, p. 78.

o texto. Outros verbos e palavras da perícopa reforçam tratar-se da soberbia da riqueza e não do vinho. É o caso do versículo 6 que fala da *multiplicação daquilo que não lhe pertence* e isto no contexto do עֲבָטִיט (endividamento).<sup>13</sup>

É perfeitamente claro que o Antigo Testamento conheceu o que eram os empréstimos a juros e a lei permitia que apenas aos estrangeiros fossem feitos empréstimos a juros. Aos irmãos, ou seja, àqueles pertencentes ao povo de Israel, a usura não era permitida como consta em Deuteronômio 23,19-20.

19 לֹא-תַשִּׁיךְ לְאָחִיךָ נֶשֶׁךְ נֶשֶׁךְ כֶּסֶף נֶשֶׁךְ אֶכְלָא נֶשֶׁךְ כָּל-דָּבָר אֲשֶׁר יִשָּׂךְ:

20 לְנֶכְרֵי תַשִּׁיךְ וּלְאָחִיךָ לֹא תַשִּׁיךְ לְמַעַן

*19 A teu irmão não emprestarás à usura; nem à usura de dinheiro, nem à usura de comida, nem à usura de qualquer cousa que se empreste à usura.*

*20 Ao estranho emprestarás à usura, porém a teu irmão não emprestarás à usura: para que o SENHOR teu Deus te abençoe em tudo no que puseres a tua mão, na terra a qual vais a possuir.*

*Deuteronômio 23,20 (versão de Almeida)*

Note-se que o verbo נֶשֶׁךְ que aparece em Habacuque 2,7 também está presente aqui, em Deuteronômio, no versículo 19. O dinheiro usurário é נֶשֶׁךְ כֶּסֶף e foi traduzido como *empréstimo à usura*. Usura aí, que se aplica, não apenas ao dinheiro, como também a outras coisas, a exemplo de juros sobre אֶכְלָא (alimento). Usura é o acréscimo que se recebe em relação ao que foi emprestado.<sup>14</sup> Para dizer de modo literal, prevê a lei que não se deve

<sup>13</sup> HOLLADAY, *Op. Cit.*, p. 262; BROW & DRIVER & BRIGGS, *Hebrew and English Lexicon*, p. 716 lembram tratar-se da forma intensiva, ou seja, “grandes dívidas, pesado endividamento” (*weight of pledges, heavy debts*). Assim também, GESENIUS, *Op. Cit.*, p. 601 em que se menciona constar no *Thesaurus* tratar-se de *acumulação de dívidas*.

<sup>14</sup> Cf. Também Êxodo 22,25, Levítico 25,35-37 e Salmos 15,5. Os livros do Pentateuco e os Salmos se utilizam do verbo נֶשֶׁךְ. O ganho (juro) proibido não é o juro *excessivo* e sim, qualquer juro, qualquer acréscimo ao valor emprestado. Contra a hipótese de que tenha havido censura aos empréstimos usurários está MOSER, *The Old Testament Anti-Usury Laws Reconsidered: The Myth of Tribal Brotherhood*, In: *SSRN*, pp. 6s, disponível em [http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=41844](http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=41844), acesso el 13 de abril de 2013.



*morder* o dinheiro, a comida ou qualquer outra coisa que tenha sido dada por empréstimo.<sup>15</sup> Para o Salmo 15,5, todo aquele que não entrega seu dinheiro à usura, este permanecerá firme, exatamente em paralelo ao mesmo conceito que se vê em Habacuque 2,4.

כִּסְפוֹ לֹא-נָתַן בְּנִשְׁךָ וְשִׁחַד עַל-נֶקֶד לֹא לָקַח עִשָׂה-אִלָּה לֹא יִמוּט לְעוֹלָם:

*5 Aquele que não empresta o seu dinheiro com usura, nem recebe peitas contra o inocente; quem faz isto nunca será abalado.*

*Salmo 15,5*

E ainda, na mesma lição de Habacuque está o profeta Ezequiel eis que o צַדִּיק é aquele que בְּנִשְׁךָ לֹא-יִתֵּן וְתַרְבִּית לֹא יִקַּח מֵעוֹל (não empresta dinheiro a juros nem recebe acréscimo). O לֹא יִמוּט (não ser abalado, sacudido) ocorre com quem não empresta a juros. Quem empresta a juros, ai positivamente, este será abalado. O צַדִּיק (justo) de Habacuque 2,4 vai viver בְּאֵמֻנָתוֹ pela e na constância, na verdade, no amém, ou seja, não vai emprestar dinheiro a juros e por isso não será abalado. Diferentemente dele, aquele que empresta a juros, esse terá נִפְשׁוֹ (sua alma, seu ser) inchada,<sup>16</sup> expressão que se aproxima do conceito de soberba, palavra que se compreende bem a respeito daquela pessoa que se vangloria e se orgulha do seu dinheiro.<sup>17</sup>

<sup>15</sup> MOSER, em continuidade de argumento e, em síntese, diz que aquele que estaria sendo condenado no Código da Aliança não seria o que faz empréstimos a juros e sim, seria o que demanda do devedor o fornecimento de garantias para o empréstimo até a própria vida. O usurário, o נִשְׁךָ seria aquele que exige a garantia última para o empréstimo (até a escravidão) e isto estaria sendo vedado pela Lei. Assim, diz ele , “the conclusion therefore must be, that Ex 22,24 originally had nothing to say about interest-taking, and therefore was not an interest-prohibition. In its original formulation, it commands the creditor not to enslave the debtor in the case of default.” Não penso que a opção sugerida pelo autor seja de fato viável.

<sup>16</sup> A palavra עֲפָלָה vai sendo traduzida como engrandecida, aumentada. Ela não é usual no hebraico de sorte que pode ser difícil precisar o seu significado. Pode ser, segundo a língua árabe, um tumor ou uma hérnia que causem sofrimento. Também ainda pelo árabe, pode significar *ser negligente*. GESENIUS, *Op. Cit.*, p. 645. Qualquer que seja o preciso sentido de עֲפָלָה, é certo que se contrapõe à característica do homem justo, o צַדִּיק. Então, o exato sentido de בְּאֵמֻנָתוֹ palavra derivada do verbo אָמַן (ser firme, constante), é o de que o justo vai basear sua vida na constância e não como vive o homem soberbo, aquele que vive sem que se possa conter (Habacuque 2,5).

<sup>17</sup> Como aliás, se pode ver da crítica que aparece no versículo 2,9. O *ninho* do usurário se coloca no alto, a salvo dos problemas que afligem os miseráveis que não tem como se garantir. Colocar o *ninho* no alto, por mais insólito e até mesmo incrível que seja, é uma imagem que mantém a mesma força no tempo presente. Trata-se de uma ideia persistente, sair do chão para livrar-se dos problemas que parecem orbitar a terra *raza* é algo bem compreendido, milênios depois do que enunciou Habacuque.

A justiça, compreendida assim no Antigo Israel se dá nos casos singelos da vida. Se uma mãe empresta para sua vizinha (irmã, amiga, pessoa parte do mesmo povo) uma dúzia de ovos, vai receber como devolução do seu empréstimo, uma dúzia de ovos. Não se espera em Israel, que a devolução tenha que dar-se em uma dúzia mais 2 ovos a título de taxa de ganho ou juros. Aliás, isto não se esperava no mundo antigo e nem se espera no mundo contemporâneo, exceto é claro, quando se coloca o dinheiro sob a sua forma monetária a qual, a rigor, é abstrata.

A antiguidade de Israel tinha firme a concepção de que os ganhos ou o desejo de tomar algo para si em desfavor de qualquer outro não era algo certo de se fazer. O Antigo Testamento tinha clareza, também, que os empréstimos usurários não eram lícitos. Ou melhor dito, os empréstimos usurários eram coisa que se podia fazer aos estrangeiros ou inimigos. Mas, não eram coisa a se fazer para a família ou membros do povo porque todos eram irmãos. Não apenas não fazer empréstimo a juros era considerado algo mau; também receber os juros era coisa que caracterizava as pessoas sórdidas que se aproveitavam dos pobres. Sim, porque o pressuposto de qualquer empréstimo era a necessidade e não se poderia obter lucros ou ganhos de um necessitado, especialmente se este necessitado faz parte do mesmo povo. Os lucros e as vantagens não se mordem, não se ganham dos irmãos.

É clara a posição de Habacuque sobre o tema sendo que a forte denúncia dos problemas sociais coloca este profeta em direta conexão com outros profetas da profecia dita *clássica*. Notadamente, Habacuque pode estar ligado ao profeta Amós. Isto significa, ainda, que o texto ou pelo menos a tradição à qual se reporta, bem poderiam ser mais antigos do que normalmente se supõe. Os eruditos opinam que Habacuque seja um escrito do século XII aC, isto pela informação de que os Caldeus de 1,6 seriam os babilônios.<sup>18</sup> Em todo caso, independentemente da data de composição, a perícopes de Habacuque 2,1-13 é clara em identificar que o ímpio seja o usurário, ou seja, aquele que, contra a lei que deveria orientar a

---

<sup>18</sup> Encontrar uma data precisa para o escrito não é uma tarefa simples. Como já dito, o texto está mal conservado e há muitas dúvidas sobre sua unicidade. SELLIN & FOHRER, **Introdução ao Antigo Testamento**, vol. 2, propõem o intervalo dos anos 626 até 616. Por seu turno, BENTZEN, **Introdução ao Antigo Testamento**, vol. 2, percebe que o estudo do texto se tornou difícil pelo problema exegético que é “(...) determinar quem seja o inimigo denunciado no livro, bem como a datação da profecia em relação com esta questão.” (pp. 170s). Mas, a datação do texto depende, em grande parte de quem sejam estes Caldeus. Ademais, a perícopes de 2,1-13 é *desmontada* porque os eruditos não defendem unilateralmente que seja uma unidade ou se for, guarda uma certa expectativa idealista e idílica de que o justo terá de aguardar a salvação de Javé contra um inimigo que estaria a aproximar-se no horizonte futuro, os Caldeus. Este *desmonte* da perícopes simplesmente não deixa que o texto fique tão claro quanto o é de fato.

vida no Antigo Israel, faz empréstimos a juros. A desconfiança hermenêutica para este caso privilegia o cotidiano. É por isso que é melhor ler o texto a partir dos pés no chão.<sup>19</sup>

Isto se aplica a outros exemplos que estão no texto. É o caso da tradução dos versículos 5-6.

*Tanto mais que, por ser dado ao vinho, é desleal; um homem soberbo, que não se contém, que alarga como o sepulcro o seu desejo, e, como a morte, que não se farta, ajunta a si todas as nações, e congrega a si todos os povos. Não levantarão pois todos estes contra ele uma parábola e um dito agudo contra ele dizendo: Ai daquele que multiplica o que não é seu! (até quando!) e daquele que se carrega a si mesmo de dívidas!*  
*Habacuque 2,5-6 (versão de Almeida)*

Não que se esteja a afirmar que a versão de Almeida não se tenha esmerado na tradução. Não é isto. O que se diz é que o teor da tradução leva o leitor a pensar que o problema ao qual se refere o profeta seja a bebedeira. Evidentemente que a bebedeira desenfreada é algo a ser evitado. Mas, o que se destaca a partir do profeta é que o tema da bebedeira não está no centro da discussão. Depois, aquele que *multiplica o que não é seu* parece estar deslocado daquele que *carrega a si mesmo de dívidas!* Ora, por certo as dívidas às quais se refere o texto não são dívidas próprias de algum devedor pródigo e sim, dívidas que outros assumiram perante o credor. Se o texto for lido como se o *ai*, o lamento, fosse pronunciado sobre o devedor (como aparentemente pela tradução se dá o caso), nesta hipótese de leitura estar-se-ia fazendo uma leitura de viés moralizante. Ou seja, o profeta Habacuque estaria lecionando, de um lado, que as pessoas deveriam evitar o vinho e, de outro, que não deveriam endividar-se. Provavelmente, para alguns, o consumo de vinho estaria diretamente relacionado com o endividamento. Os bêbados acabam por *ficar devendo* tudo a todos.

Mas, não cabe no contexto que as dívidas sejam atribuídas ao ímpio, como se fosse o caso aí de uma lição moral de que não deve a pessoa endividar-se. Pelo contexto pode ser dito que o justo viverá na constância, isto é, que não cobrará juros pelo empréstimo de dinheiro e outras coisas, porque, em não vivendo assim, carregar-se-á das dívidas daqueles a quem houver

---

<sup>19</sup> O problema mais delicado deste livro de Habacuque seria saber, como já dito, quem haveria de ser o tal ímpio contra o qual se dirige a palavra de Javé. Pode-se ter por certo que a caracterização do ímpio, em que pesem as dificuldades do texto, está ligada ao tema da justiça social e é notável que SICRE, **A Justiça Social nos Profetas** não tenha incluso o profeta Habacuque nestes pregadores da justiça social. A razão para tanto é porque não se apercebeu o autor, que o tema do livro inclui os juros como parte dos problemas sociais. Mas, não está sozinho este autor em sua leitura. VON RAD, **Teologia do Antigo Testamento**, vol. 2, diz que “o ‘ímpio’ que engole ‘o justo’ é aqui certamente um poder político estrangeiro.” (p. 181). Daí que aos eruditos pode ser que faça falta a leitura do texto de Habacuque com os pés bem plantados no chão, coisa que também me afetou há mais de 30 anos passados.

emprestado dinheiro. Por tal leitura que se pretende de “*pés no chão*”, fica claro que o profeta Habacuque está bem radicado na teologia profética, de um lado e, de outro, que retoma na esfera da *práxis*, a vedação legal ao empréstimo usurário.

Este vínculo de Habacuque com a profecia clássica é o elemento preponderante por meio do qual é possível admitir-se que a vedação aos empréstimos usurários seja algo muito anterior à forma que acabou assumindo no Código da Aliança. Isto porque a escravidão por dívidas não é algo que se tornou conhecido a Israel pela experiência babilônica e sim, já pela situação da escravidão no Egito, muito tempo antes. Tornar-se escravo não apenas pelas campanhas militares como também pela situação de empobrecimento e endividamento era algo que já comumente ocorria nas sociedades antigas.<sup>20</sup>

### 3 – Decorrências Relevantes da Releitura

Evidentemente, no contexto de um artigo tópico, descabe processar a exegese de todo livro de Habacuque. Faz-se, apenas, da assunção de que a perícopes de 2,1-12 seja completa e que tenha sentido em si mesma, a projeção de que este sentido possa fornecer mais explicações sobre o todo do livro. Em sendo assim, identifica-se o *ímpio* contra o qual se dirige o profeta Habacuque como alguém que está dentro da sociedade de Judá no século VII. Este voltar os olhos para a situação interna do reino de Jerusalém, a meu ver, é algo típico da profecia de Israel. Se há alguma referência às externalidades ou ao contexto internacional, estas referências se fazem como reflexo ou sucedâneo das questões internas a exemplo do que ocorre com o profeta Oséias.

Se Amós fala das *vacas de Basã*, estas não de ser identificadas com as mulheres de Samaria. E assim, na leitura de Habacuque, o falar do *ímpio* se dá a partir do contexto dos ouvintes

---

<sup>20</sup> DOBBERAHN, *O Destino do Escravo José*, In: **Estudos Bíblicos** 18, pp. 27-36. Neste artigo destaca o dileto mestre que é surpreendente que o número de escravos provindos como prisioneiros de guerra ou por força de imposição tributária era pequeno(!) pelas fontes disponíveis, isto ao contrário dos escravos que se originaram por força do comércio. E aí, faz DOBBERAHN a pergunta pelas causas desta situação. Em síntese, muito além dos problemas citados se pode ver que “*a fonte principal desse incremento no tráfico de escravos não eram apenas as incessantes guerras acima mencionadas, (...). Na época de Amarna elas cresceram perigosamente, e com elas também o número de prisioneiros de guerra. Acrescentou-se a isto também o tráfico de pessoas em consequência da fome reinante nas cidades portuárias sitiadas. As pessoas atingidas por essa circunstância foram principalmente as crianças de famílias empobrecidas, que tinham fugido para as cidades por causa da ameaça militar. (...) Nesse sentido, constituiu por certo uma expressão assustadora e duradouramente chocante época turbulenta o fato de que os habitantes de uma cidade-estado tão poderosa como Biblos tiveram que vender seus próprios filhos e filhas para o Egito em troca de cereais.*” (pp. 31s). A fonte da cita, infelizmente suprimida da Revista **Estudos Bíblicos** são os documentos de Amarna 74s., 81, 85, 90, 120.

pois, referir-se a alguém que está completamente fora do círculo dos ouvintes da profecia, faz pouco sentido. Não, não faz sentido. Então, o *ímpio* é aquele que transgride o espírito da Lei e que não vive conforme os ditames previstos para a terra que mana leite e mel. É sob tal contexto que a remissão ao castigo que haverá de vir da Babilônia, isto em admissão de hipótese de que os Caldeus possam ser identificados com o Império neobabilônico, se dá pelo anúncio do desalojamento e do despojamento. Agora, quem pode ter receio de que seja desalojado e despojado é, exatamente, quem tem onde se alojar com suas possessões. É aí que faz sentido o anúncio do juízo exatamente àquele que consegue fazer o seu ninho no alto, em detrimento daqueles a quem oprime pelos empréstimos usurários. Em parte, trata-se de uma antecipação dos ais aos ricos pelo simples fato de estes serem ricos (Lucas 6,24), eis que o terceiro Evangelho não dá outro norte para as palavras condenatórias.

De outro lado, a assunção de que o ímpio ao qual se refere o profeta seja, em primeira mão, o usurário, faz levantar a hipótese de que também Judá e Jerusalém experimentaram o mesmo tipo de situação que antes vigorara para o Reino de Israel, destruído em 721 a. C. Ou seja, admitindo-se que a profecia de Habacuque esteja datada no intervalo dos anos de 626 a 616 a. C. (isto por conta dos Caldeus), é de se presumir que os problemas sociais denunciados por Amós quanto ao reino do Norte tenham continuado a existir também em relação à capital do reino do Sul.

E, mesmo que não se pense na usura monetária,<sup>21</sup> é viável pensar-se na usura cobrada em relação aos alimentos ou quaisquer outros produtos destinados ao comércio e ao empréstimo. De fato, a usura se atesta existir muito antes e aparece, por exemplo, no Código de Hammurabi (1.728 – 1.686 aC)<sup>22</sup> ou mesmo nas Leis de Ur-Nammu (2.112-2095)<sup>23</sup> ou no Edito de Ammisaduqa.<sup>24</sup> A evidência das fontes leva forçosamente à conclusão de que a usura, o ganho ou cobrança de acréscimo pelas coisas emprestadas, era prática normal e corriqueira nas sociedades do Antigo Oriente, isto há centenas de anos antes do profeta Habacuque. Por que, pergunto eu, não se haveria de admitir que esta *normalidade* externa não

---

<sup>21</sup> Isto porque KIPPENBERG, **Religião e Formação de Classes na Antiga Judéia**, pp. 40-50, ao falar sobre as condições da economia na Judéia do domínio persa (539-332 aC) opina que a propagação da moeda (coisa que se distingue de dinheiro, este entendido sob forma de moeda cunhada) teria sido introduzida pelos persas.

<sup>22</sup> PRITCHARD (ed), *The Code of Hammurabi*, In: **The Ancient Near East, An Anthology of Texts and Pictures**, vol. 1, pp. 138.

<sup>23</sup> PRITCHARD (ed), *The Laws of Ur-Nammu*, In: **ANET**, vol. 2, pp. 31.

<sup>24</sup> Sobre este Edito, veja a discussão apresentada por FINKELSTEIN, *Ammisaduqa's Edict and the Babylonian 'Law Codes'*, In: **Journal of Cuneiform Studies**, vol. 15, nº 3, pp. 91-104.

tenha também encontrado chão na vida de Israel e Judá? E, de fato, a existência da vedação à usura tal qual aparece, por exemplo, no Código da Aliança, somente tem razão de ser, se a prática usurária de certo modo, fazia parte do cotidiano de Israel e Judá.

Aliás, é significativo que o profeta Jeremias, contado entre os contemporâneos de Habacuque também se refira, em dito algo enigmático, à usura, no capítulo 15, versículo 10. Aí se usa a expressão לֹא-נָשִׂיתִי וְלֹא-נָשׂוּ-בִי (nunca lhes emprestei com usura, nem eles me emprestaram com usura). Usura aí é o mesmo נִשְׁךְ que também se apresentou em Habacuque 2,7. Mesmo com a destruição do Reino do Norte pelos Assírios, o Reino do Sul, que mantinha a herança dos males do reinado de Salomão,<sup>25</sup> continuou a existir. Os reis iam e se sucediam e as coisas do Reino de Judá / Jerusalém adaptavam-se à vida protegida em torno da murada “filha de Sião”.<sup>26</sup>

Infelizmente, as fontes sobre a vida econômica de Judá neste período entre a queda de Samaria (721 a. C) e a queda de Jerusalém (586 a.C.) são de pouca monta. É certo, todavia, que neste período, o reinado de sul dedicou-se às atividades de comércio com outros reinos. Entre as exportações que fazia, podem ser listados os produtos agrícolas produzidos no entorno de Jerusalém, entre estes, o mel, azeite, bálsamo, figos e vinhos.<sup>27</sup> Se havia comércio é natural que existia *normalmente* a atividade usurária. Usurária aqui entendida, não como a cobrança de juros monetários,<sup>28</sup> caso se pense no sentido estrito do que seja moeda e sim, como a cobrança de ganhos ou comissões sobre os empréstimos feitos a outros. O benefício do *usus*, de onde vem a palavra usura, compensa o proprietário pela indisponibilidade temporária da fruição de posse.

---

<sup>25</sup> Evidentemente, abstraindo aqui toda proposição minimalista quanto ao reinado davídico-salomônico.

<sup>26</sup> CAZELLES, **História Política de Israel**, pp. 176-181.

<sup>27</sup> KIPPENBERG, **Religião e Formação de Classes na Antiga Judéia**, pp. 40-50 ao referir-se ao período persa destaca as vantagens de produção na terra ligada a Jerusalém. Nas montanhas se produziria víveres, bebidas e óleo, produtos utilizados aos que vinham de Sidom para a construção do templo (p. 46). Já para a região das planícies, se daria bem o cultivo de plantações que teriam raízes mais profundas, a exemplo do plantio de oliveiras e parreiras. Assim, “os habitantes de Tiro traziam – no sábado – peixes e diversas mercadorias a Jerusalém (Ne 13,16). Também em Judá muitos desobedeciam o descanso do sábado e pisavam uvas no lagar, carregavam seus jumentos com trigo, vinho, uvas, figos e outras cargas e os traziam até Jerusalém onde os vendiam (Ne 13,15).” (p. 46) Ora, inexistente qualquer razão plausível para se dizer que as condições de plantio agrícola e comércio que se verificam posteriormente (na época persa de Neemias) não se tenham verificado também antes e durante o século VII.

<sup>28</sup> Isto como já mencionado, vai ocorrer depois, com a consolidação da economia monetária, de cunhagem de moedas sob a dominação persa.

Mas, qual é o problema que se vê neste tipo de atividade lucrativa? O problema se vê a partir do profeta Habacuque. A medida em que ocorre o acúmulo das possessões é também a medida em que as pessoas podem dispor de coisas sobejantes a serem emprestadas. O cereal que existe *em excesso* pode ser emprestado ao necessitado que se endividará para a paga do que emprestou além do benefício do uso da coisa. Este acréscimo permite que o comerciante e o usurário, por exemplo, a que comprem mais prata em troca de cereais e que possam assim, fazer o seu ninho nas alturas. A usura cria e garante, por meio dos contínuos incrementos ao excedente, a proteção do usurário. O usurário torna-se *ímpio* e aí, desconhece o significado da Lei. Por isso sua alma *incha* e nele se acumula a multidão das dívidas. Por outro lado, é o צדקן, o *justo* aquele que há de viver na retidão, sendo por isso, inabalável e firme exatamente por aprender o significado da fé em Deus.

#### 4 – Reflexão Pontual Final

Em aqui chegando, é possível constatar que a leitura do profeta Habacuque leva a uma necessária reflexão sobre a função e atividade do profeta. É certo que a Igreja historicamente ergueu sua voz contra a usura.<sup>29</sup> Todavia, este *erguer a voz* não se tem feito nas pegadas proféticas de Habacuque. A Igreja normalmente silenciou ante o poder de Mamom e os filhos e filhas de Deus são vendidos cotidianamente como escravos a este poderio alieno.<sup>30</sup> No

---

<sup>29</sup> Como destaca HOFFMAN, **Usury in Christendom**, 415 pp que faz a pergunta crítica de como este pecado mortal deixou de isto ser. A pergunta que faz em sua obra é “*examinar como os amantes do dinheiro entraram e ocuparam a Igreja.*” (p. 29). Para a Idade Média, há que se ver LE GOFF, **A Bolsa e a Vida; A Usura na Idade Média.**

<sup>30</sup> WESTHELLE, *O Desencontro entre a Teologia Luterana e a Teologia da Libertação*, In: **Estudos Teológicos**, 1986, 1, pp. 37-58 traz este assunto à baila. Da suspeita levantada em torno do pecado como categoria abstrata por conta da sua generalização, WESTHELLE quer ver se ela encontra aplicação em Lutero. Arbitrariamente, se reporta ao texto em que Lutero orienta os pastores a respeito da usura. A usura seria antinatural (p. 45) e pecaminosa. “*O usurário é chamado de jure e de facto incrédulo e idólatra, o que leva Lutero a exortar os pregadores a não tomarem um usurário por cristão.*” (p. 47). Ora, para deixar bem clara a questão, “*o impasse, então, é esse. Ou abandona-se o luteranismo em questões de ética social ou aceita-se uma ética social essencialmente conservadora cuja máxima é a preservação da ordem social como ditame da criação divina.*” (p. 52). A diferença ou desencontro entre a teologia luterana e a teologia da libertação se daria “*na questão do reconhecimento da particularidade do pecado e da graça, não encontra inequívoca corroboração em Lutero.*” (p. 58). Mesmo que se reconheça ter Lutero particularizado a questão do pecado e graça com o texto sobre a usura citado por WESTHELLE, é notório que a teologia do protestantismo histórico tem dificuldades com a ética social. Lutero não tinha uma clara consciência dos processos históricos em que sua vida estava imersa. Em que pese rompantes de particularismo, Lutero é um teólogo que se encontra preso à teologia formulada na Idade Média; ele não é um teólogo adaptado ao mundo moderno. O desencontro entre a teologia da libertação e a teologia luterana, a meu ver, é muito mais clara na percepção ou falta de percepção de Lutero sobre a natureza dos movimentos sociais e em sua teologia batismal essencialmente voltada para o passado, para a manutenção da corrente tradicional. Veja, por exemplo, o episódio da Revolta Camponesa. De qualquer modo, é preciso colocar de modo mais claro e direta a situação reportada. Afinal de contas, pode o usurário moderno, o banqueiro, demos nomes claros aos bois, ser cristão? Pode, sim, porque a Igreja é absolutamente incompetente (incompetência jurídica) para definir quem pode ou não ser cristão. Tampouco Lutero detinha tal competência. Posição contrária

tempo presente, o caso é crítico porque “(...) a única comunidade que o dinheiro permite é a comunidade do dinheiro, e parece que ninguém mais se subtrai a ele, já que grandes e pequenos, escravos e livres, estão submetidos ao seu fetiche. As pessoas são cooptadas tanto pelo dinheiro possuído como pelo dinheiro desejado. Isto é, o sentimento nato do ser humano é o de pertencer, ter uma identidade, e, com a falência dos modelos sociais nos quais as pessoas mantinham comunhão baseadas em outros valores, fica o ato de pertencer ditado pelo dinheiro. As pessoas são aceitas nas diferentes classes sociais pelo dinheiro que possuem, uma vez que ele carimba o passaporte do seu possuidor.”<sup>31</sup>

O caso usurário contemporâneo é grave a ponto de se falar que a vida, exatamente aquela que, do prisma teológico, é incomensurável dádiva divina, é ela mesma posta a serviço do dinheiro e do consumismo, este último, interface visível do como o amor ao dinheiro se manifesta. As pessoas, sob a força dos benefícios da usura,<sup>32</sup> transformam-se a si mesmas em mercadoria e o grande problema é que a “sociedade de consumo tem como base de suas alegações a promessa de satisfazer os desejos humanos em um grau que nenhuma sociedade do passado pôde alcançar, ou mesmo sonhar, mas a promessa de satisfação só permanece sedutora

---

implicaria em demandar que o usurário deixe de ser usurário ou que todos que pretendem ser cristãos deixem de ser o que são. A particularização do pecado em Lutero à qual se refere WESTHELLE expõe a singeleza para não dizer a simploriedade de Lutero em relação aos mecanismos de transformação social que se estavam operando no século XVI. Particularizar o pecado na pessoa do usurário sob argumento de que a prática da usura contraria a natureza (aqui, seguindo Aristóteles e a filosofia cristã medievá) ou é anti-natural, somente pode ser entendido aceitável num horizonte da teologia pré-moderna. Certo que a usura é “expropriação de valor produzido por trabalho alheio.” (p. 45). Mas, aí, todo capitalista é usurário e todo capitalista, em atenção aos textos de Lutero no contexto do artigo, é roubador e “inimigo maior dos homens (depois do diabo) (p. 46) eis que o sistema capitalista sempre se funda na expropriação do trabalho alheio. Ser usurário é condição do tempo presente e o critério de condenar a usura porque esta se baseia na necessidade alheia simplesmente não é absoluto. Os empréstimos podem ser feitos para alavancar determinada condição de indústria, de trabalho e até mesmo pessoal. Até mesmo comunidades isoladas que se dedicam à vida comunitária podem, eventualmente, encontrar nos empréstimos, formas de melhor aproveitar suas potencialidades. Os juros, em tal caso, são pagos com os benefícios que a alocação de recursos pode proporcionar. Isto não significa dar aval à usura; apenas compreender que as interpretações maniqueístas podem não fazer jus àquilo que de fato ocorre na vida social e econômica.

<sup>31</sup> MICHELLON, **O Dinheiro e a Natureza Humana**, p. 242.

<sup>32</sup> E abre-se um parêntese em relação ao conceito da usura. Normalmente esta é entendida em termos negativos, como se fosse, sempre a expropriação de alguém por outra pessoa. Todavia, este conceito restrito de usura não se pode generalizar. De fato, a usura, ou seja, o *plus*, o ganho não se dá apenas em relação às parcelas de empréstimo; ela ocorre também sob forma indenizatória. O prejuízo que alguém causa a outrem se reclama seja pago, não apenas em relação ao prejuízo em si como também comporta o acréscimo indenizatório que se paga como forma de compensação. A usura, portanto, não se define apenas negativamente; ela tem fundamento da positividade de se compensar alguém por algum prejuízo sofrido (vide Lucas 19,8) decorrente de prática de algum delito por exemplo, ou inadimplemento contratual. Sobre esta temática, GOMES, **Obrigações**, pp. 170-208. É um equívoco de gigantescas proporções imaginar que a Bíblia tenha, em algum momento lecionado que os devedores não deveriam quitar as dívidas contraídas. A paga das dívidas faz parte do horizonte de reestabelecimento do *Shalom*. Isto não significa, no entanto, que haja louvor na prática de se sobrepor à coisa emprestada os ganhos usurários porque, neste caso, a usura torna-se não mais forma compensatória e sim, modo de se ganhar pelo ganhar.



enquanto o desejo continua insatisfeito.”<sup>33</sup> O amor ao ganho é igual à desejo usurário. E, quanto a isto, a Igreja do tempo presente, sem entrar no mérito denominacional, tem apresentado práticas e discursos tímidos. Parece que contentou-se em reunir à sua volta os usurários porque, em certa medida, aproveita-se das migalhas que caem das mesas daqueles que se dedicam ao nobre ofício de ganhar dinheiro por meio dos empréstimos.<sup>34</sup>

Lutero rejeitou a usura e o fez de modo razoavelmente consistente.<sup>35</sup> Já Calvino pretendeu defender a posição de que a usura poderia ser distinta entre boa e má, dependendo do uso que dela se faça.<sup>36</sup> E, o grande x teológico é que não há como estabelecer critério para os limites do ganho usurário.<sup>37</sup> E, de Calvino em diante, tornou-se praticamente impossível distinguir o

---

<sup>33</sup> BAUMAN, **Vida para o Consumo; A Transformação das Pessoas em Mercadoria**, p. 63.

<sup>34</sup> E aqui vale a retomada das discussões havidas na Reforma sobre a usura. A Igreja Católica, envolvida com os empréstimos usurários, encontrou formas de defender a validade da usura nos empréstimos com argumentos apresentados por Johann Eck, um dos grandes teólogos da época. Desde 1510, Eck era doutor em teologia e esta honraria somava-se ao fato de ser orador de grande poder persuasivo e ter uma memória de elefante. Desde 1512 havia sido escolhido para ser pró reitor da Universidade de Ingolstadt. Com a eclosão do movimento reformatório, Eck aguçou os ouvidos porque finalmente havia surgido um adversário à altura de sua retórica. Em 1514, Eck derrotou Lutero na disputa de Augsburg, exatamente a respeito do tópico referente à usura. Novamente, concernente ao mesmo tema da usura, venceu as disputas de Bologna, em 1515 e Viena em 1516. Com estas vitórias, ficaram impressionados os banqueiros da Casa Fugger a ponto destes patrocinarem Eck como o mais importante defensor da verdadeira fé. Eck tornou-se poderoso e respeitado; mas, sua ambição não tinha limites. Eck tencionava ser o maior teólogo de todos os tempos, maior até do que o próprio aquinate. A arrogância e ambição de Eck logo inflamou a inveja de muitos e a séria preocupação de outros, especialmente dos humanistas que viam com preocupação as prerrogativas de Roma. Entre as obras importantes de Eck destacam-se *De Primatu Petri* de 1519 e os 4 volumes escritos contra Lutero (*Opera contra Ludderum*). Estas obras foram ofertadas ao Papa Leão X quando Eck esteve em Roma. Sobre Eck, WIEDEMANN, **Dr. Johann Eck**, a qual, infelizmente a meu ver, está escrita em alemão gótico com o objetivo de forçar os pobres leitores a aprenderem a ter paciência, muita paciência.

<sup>35</sup> Observe-se que no mesmo texto sobre o qual se debruçou WESTHELLE (cf. nota de rodapé 30), a admoestação de LUTERO a que os pastores pregassem contra a usura, vai ele dizer que a usura “(...) irrompera de forma tão violenta que eu não podia ter esperança de melhora alguma. Desde então ela se sofisticou a tal ponto que já não pretende mais ser vício, pecado ou vergonha; ao contrário, já se deixa exaltar como pura virtude e honra, como se prestasse grande amor e serviço cristão para outras pessoas. Que benefício pode haver quando a vergonha é tomada por honra e o vício por virtude?(...) A Alemanha já não é mais aquilo que deveria ser; a abjeta ganância e usura a aniquilaram.” In: **Obras Seleccionadas**, vol. 5, p. 447.

<sup>36</sup> SOUZA, **O Empréstimo a Juros em João Calvino**, 123 pp. Calvino, diferentemente de Lutero, alterou e interpretou (convenientemente) o conceito de usura para dizer que apenas o excesso seria pecaminoso. A cobrança dos juros usurários então, seria ruim pelo excesso, pelo exagero, Mas, em tal caso, o problema se dá, exatamente, na margem de indefinição do que seja excesso ou exagero. A taxa de juros não é intrinsecamente má o que vai definir o mal é a qualificação que se lhe dá, no caso, de ser abusiva.

<sup>37</sup> GONÇALVES, **O Uso Social da Riqueza em João Calvino**, 175 pp. Calvino, em sua atitude no cotidiano, refutou o luxo e as riquezas. Ele mesmo contentava-se com muito pouco. Mas, entendeu que suas posturas pessoais não poderiam ser socialmente generalizadas. Diz ele APUD GONÇALVES, p. 80, “*não são as riquezas em si as causas dos males que Paulo menciona aqui, mas o profundo apego a elas, mesmo quando a pessoa seja pobre. [...] Pois todos quantos têm como seu ambicioso alvo a aquisição de riquezas se entregam ao cativo do diabo (CALVINO, 1998<sup>a</sup>, p. 169).*” Ora, o problema desta concepção do reformador é a vinculação da questão usurária ao indivíduo, à consciência individual, como se o amor pela riqueza se resolvesse pela extirpação desse mal dos indivíduos ou que os ricos pudessem permanecer ricos sem tal mal. Contrário aos ensinamentos de Lutero, “*Calvino faz uma distinção entre banqueiros e usurários de sua época. Ele defende a legalização da taxa de juros. Defende que o comércio do dinheiro deve ser*

que seria boa e má usura.<sup>38</sup> Do estudo de WEBER,<sup>39</sup> se vê que a bênção protestante sobre a vida bem sucedida libertou a besta fera do amor ao dinheiro de todas as amarras.

---

*facilitado de acordo com a necessidade de desenvolvimento da indústria e do comércio.*” Percebe-se que o estado de confusão em relação à usura é persistente, eis que Calvino “*não considera lícito cobrar juros de uma pessoa pobre, mesmo autorizado pela lei.*” (p. 99). Calvino, em seus remoes jurídicos, pretende que a lei regule a taxa de juros. Então, no fundo, Calvino não conseguiu perceber de que maneira a sociedade capitalista já estava se organizando; o Reformador de Genebra concede aos capitalistas a licença teológica para entender que a prática da usura poderia ser sacramentada se estivesse dentro de parâmetros de licitude. Aí, a coisa ficou simplificada. Basta que a cada tempo sejam alterados os parâmetros de licitude para que a usura se torne coisa boa. E, pergunto eu, quem define os limites de licitude da usura honesta e desonesta? Esta distinção de Calvino entre usura honesta e desonesta é artificial, baseada em flutuantes razões de conveniência. Logo, bom e mal se tornaram conceitos fluídos, valorizados conforme a mudança do vento. Todavia, não se pode, adotar uma postura crítica a respeito de tal ensino sem compreendê-lo de modo abrangente. Calvino conhecia as posições de Lutero concernente à cobrança usurária. Na avaliação do pensamento de Lutero, conforme apresentada por SOUZA, **Op. Cit.**, entende o autor que a condenação da usura estaria vinculada aos resultados práticos da usura. Assim, “*Lutero entende que o cerne da questão está na ganância de cada pessoa, onde muitas vezes os empréstimos são contraídos sem uma real necessidade, é apenas para a satisfação pessoal, queremos a aquisição de bens para a ostentação, e neste caso, muitas vezes, gastamos mais do que realmente precisamos para adquirir um bem.*” (p. 70). A meu juízo, o que se afirma está equivocado por três razões básicas. Primeiro porque o foco da análise está no lugar errado. A condenação da usura por parte de Lutero não se dá a partir daqueles que solicitam o empréstimo e sim, daqueles que emprestam a juros. O empréstimo é fonte, não de consumo como pretende o autor, e sim, de enriquecimento eis que os recursos estão disponíveis ao empréstimo e estes se tornam fonte de novas riquezas. Depois, os empréstimos são condenados por Lutero porque as casas banqueiras eram dominadas por judeus e isto está vinculado com a situação do luxo que Roma ostentava. Por fim, a ideia de que os empréstimos se destinam ao consumo é uma retroprojeção da sociedade capitalista contemporânea para a situação do capitalismo incipiente em que se situam os Reformadores. A base da rejeição da usura por parte de Lutero deriva da leitura das Escrituras. Os empréstimos são feitos com base na necessidade alheia porque o acréscimo de juros equivale a criar regras “*que não existem no mandamento dado por Cristo.*” (p. 73). Para o Reformador alemão, “*são usurários todos os que emprestam vinho, cereais, dinheiro ou o que for, ao próximo com a cláusula de pagar juros [...] ou então [...] com a obrigação de devolver mais ou algo de maior valor do que tomaram emprestado.*” APUD SOUZA, p. 74 (tradução algo diversa, com o mesmo sentido daquela que consta à p. 448 das **Obras Seleccionadas**). O caso de Calvino é diferente. O Reformador de Genebra é jurista. Ele vive numa época de intensas mudanças sociais e, principalmente, econômicas. Ele se depara com o crescimento urbano de Genebra que logo apresentou grande dinamismo econômico. Ora, o dinamismo econômico resulta, em grande parte, da disponibilização de capital e Calvino se deparou com esta situação. A posição adotada pelo reformador em torno dos juros se dava a partir do fato consumado e da impossibilidade de se prever a evolução do sistema capitalista. Tanto Lutero quanto Calvino estavam presos a seu tempo. O diferencial entre ambos não é que Lutero olhava para o passado como pontua o autor (p. 69) e sim, que Calvino estava melhor adaptado aos fatos de seu presente simplesmente porque percebeu a impossibilidade jurídica de mudanças no curso da organização do capitalismo. Pela formação jurídica, Calvino percebeu que a moeda já tinha deixado de ser mero meio de troca para assumir a função de mercadoria. O que merece justa crítica, sim, é a sensível ingenuidade dos Reformadores (todos eles, incluso anabatistas) a respeito de como funcionaria o sistema capitalista. Especialmente Calvino veio apelar para as consciências individuais contra a avareza e o luxo, sem se dar conta de que a riqueza gerada pelo capitalismo, tanto no que se refere ao acúmulo originário quanto ao seu cotidiano, haveria de ser derivada da exploração capitalista. A usura era apenas a interface de abstração desta situação que ia se revelando desde o século XVI.

<sup>38</sup> HILL, **A Bíblia Inglesa e as Revoluções do Século XVII**, vai observar que “*neste meio tempo, a proibição da usura presente no Antigo Testamento foi sendo sempre mais corroída pela ênfase protestante na consciência individual, que, segundo Perkins, não poderia estar sujeita a nenhuma lei. Ele e Locke transformaram o pecado da usura em uma questão de foro íntimo: tudo dependia de como o usurário sentia-se a respeito.*” (p. 239).

<sup>39</sup> WEBER, **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. Consulte também, como certo contraponto, RUPPELL JÚNIOR, **A Ética Protestante no Pensamento de João Calvino**, pp. 79-100.

Isto posto, o que se há de fazer? Evidentemente, não vem ao caso dizer o que deve ser feito. Reflito, apenas, o que pode ser feito como vocativo geral à Igreja de Cristo.

Volto-me ao profeta Habacuque. Pergunto, quem são os destinatários do outdoor em que escreveu sua profecia? Tem de ser outdoor porque deve ser lido até por quem estiver na maratona. Espera-se que os leitores do outdoor o possam ler e compreender. Se assim é, o profeta Habacuque só pode ter uma profecia destinada ao público em geral, a todos transeuntes, inclusive os corredores. Como tal, destina-se, também e especialmente, à Igreja. Por tal razão, sem qualquer ranço de radicalismo ou mesmo de violência, é preciso que a Igreja reencontre a matriz do pensamento crístico que é em suas raízes, o pensamento profético. Precisa reaprender o serviço aos pobres. Precisa demandar que os governos de todo mundo encontrem formas de reprimir e minorar os efeitos da usura. Isto é extremamente importante porque a tendência presente é a de liberar os juros usurários, retirando da usura todo caráter penal.<sup>40</sup> Em certo sentido, precisa ela, a Igreja, como corpo de Cristo, enfrentar o mal que se traveste de respeitabilidade e sucesso. Sem tal enfrentamento, não haverá conversão ao senhorio de Cristo e os lobos travestidos de ovelhas cuidarão do rebanho. Em termos proféticos, a hora é chegada.

## ***Referencias Bibliográficas***

BENTZEN, Aage. **Introdução ao Antigo Testamento**, vol. 2, São Paulo: ASTE, 1968 [1959].

BARRERA, Jorge & GARMENDÍA, Mario Pereira, **Usura: ¿Penalización o Liberación?** Montevideo: Editorial B de F, 2009.

---

<sup>40</sup> BARRERA & GARMENDÍA, **Usura: ¿Penalización o Liberación?**

- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o Consumo; A Transformação das Pessoas em Mercadoria**, Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BROWN, Francis & DRIVER, Samuel Rolles & BRIGGS, Charles Augustus, **Hebrew English Lexicon**, Princeton: Hendrickson Publishers, 1994 [1906].
- CAZELLES, Henri. **História Política de Israel**, São Paulo: Edições Paulinas, 1986.
- COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *O Profeta Habacuque*, In: <<http://www.isaltino.com.br/doctos/O%20PROFETA%20HABACUQUE.pdf>>, 2004, aceso em 12 de abril de 2013.
- DOBBERAHN, Friedrich Erich. *O Destino do Escravo José*, In: **Estudos Bíblicos 18**, Petrópolis: Vozes, 1988, pp. 27-36.
- ELLIGER, K. & RUDOLPH, William (ed.) **BIBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA**, Stuttgart: Deutsche Bibelstiftung, 1977.
- FINKELSTEIN, Johannes J. *Ammisaduqa's Edict and the Babylonian 'Law Codes'*, In: **Journal of Cuneiform Studies**, vol. 15, nº 3, 1961, pp. 91-104.
- GESENIUS, Heinrich Friedrich Willhem. **Hebrew-Chaldee Lexicon of the Old Testament**, Milford, Mott Media, 1979, [1847].
- GOMES, Orlando. **Obrigações**, 8ª ed., Rio de Janeiro: Forense, 1986.
- GONÇALVES, Cláudio César. **O Uso Social da Riqueza em João Calvino**, São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2006, Dissertação de mestrado em Ciências da Religião.
- HOLLADAY, William Lee (ed). **A Concise Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament**, based upon the Lexical Work of Ludwig KOEHLER & Walter BAUMGARTNER, Michigan: William B. Eerdmans Publishing, 1988 [1971].
- KALLER, Donald W. **Habacuque – Um Estudo Indutivo**, Patrocínio: Ceibel, 1976.
- KIPPENBERG, Hans G. **Religião e Formação de Classes na Antiga Judéia**, São Paulo: Paulinas, 1988 [1978].
- HOFFMAN, Michael Anthony. **Usury in Christendom - The Mortal Sin that Was and Now is Not, A Study of the Rise of the Money Power in the West, Coeur d'Alene**: Independent History and Research, 2013.
- HILL, John Edward Christopher. **A Bíblia Inglesa e as Revoluções do Século XVII**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- HOMBURG, Klaus. **Introdução ao Antigo Testamento**, São Leopoldo: Sinodal, 1981.
- LE GOFF, Jacques. **A Bolsa e a Vida; A Usura na Idade Média**, São Paulo: Brasiliense, 3ª reimp., 2004 [1924].

- LUTERO, Martinho. **Obras Seleccionadas**, vol. 5, 2ª ed., São Leopoldo: Sinodal & Concórdia, 2011, pp. 446-493.
- MICHELLON, Ednaldo. **O Dinheiro e a Natureza Humana; Como Chegamos ao Moneycentrismo?** Rio de Janeiro: MK Editora, 2006.
- MOSER, Thomas. *The Old Testament Anti-Usury Laws Reconsidered: The Myth of Tribal Brotherhood*, In: **Social Science Research Network** disponível in [http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=41844](http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=41844).
- PRITCHARD, James B. (ed), **The Ancient Near East, An Anthology of Texts and Pictures**, volume 1, 6ª ed., Princeton: Princeton University Press, 1973 [1958].
- PRITCHARD, James B. **The Ancient Near East, A New Anthology of Texts and Pictures**, volume 2, 6ª ed., Princeton: Princeton University Press, 1975 [1958].
- RUPPELL JÚNIOR, Ivan Santos. **A Ética Protestante no Pensamento de João Calvino**, São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2007, Dissertação de mestrado em Ciências da Religião, pp. 79-100.
- SELLIN, Ernst & FOHRER, Georg. **Introdução ao Antigo Testamento**, vol. 2, São Paulo: Paulinas, 1977.
- SICRE, José Luís. **A Justiça Social nos Profetas**, São Paulo: Paulinas, 1990.
- SOUZA, Mauricio de Castro e. **O Empréstimo a Juros em João Calvino**, São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2006, Dissertação de mestrado em Ciências da Religião.
- SOUZA, Rômulo Cândido de. **Palavra, Parábola; Uma Aventura no Mundo da Linguagem**, Aparecida: Editora Santuário, 1990.
- VON RAD, Gerhard. **Teologia do Antigo Testamento, A Teologia das Tradições Proféticas de Israel**, 2 vols., São Paulo: ASTE, 1974 [1966].
- WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**, 7ª ed., São Paulo: Livraria Pioneira Editora.
- WESTHELLE, Victor. *O Desencontro entre a Teologia Luterana e a Teologia da Libertação*, In: **Estudos Teológicos**, São Leopoldo: Facteol, 1986, 1, pp. 37-58
- WIEDEMANN, Theodor. **Dr. Johann Eck; Pfarrer der Theologie der Universität Ingolstat. Eine Monographie**, Regensburg: Papias, Druck und Verlag von Friedrich Dussef, 1865.